

O saber linguístico: um olhar sobre a formação docente no curso de pedagogia da UFSM

Adriele Delgado Dias¹

Universidade Federal de Santa Maria

Eliana Rosa Sturza²

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo: Neste artigo realizamos uma análise inicial sobre a presença dos Estudos Linguísticos no conjunto de disciplinas do Curso de Pedagogia da UFSM. A abordagem teórica traça um breve histórico do surgimento da Linguística como campo do saber que tem por objeto a língua, do seu lugar nas Ciências da Linguagem, bem como situa sua institucionalização e disciplinarização. Para tanto, analisamos as ementas das disciplinas que tratam sobre língua e linguagem, lançando um olhar sobre os programas e bibliografias destas. Deste modo, buscamos ainda compreender quais conteúdos relativos aos estudos linguísticos estão presentes no Curso e suas finalidades na formação de um professor-alfabetizador. Os resultados nos mostram que há uma preocupante ausência da Linguística e também uma imprecisão sobre qual conceito de língua norteia a formação do Pedagogo, tendo em vista que ele necessita desses conhecimentos linguísticos para trabalhar com a aquisição da língua e da linguagem no processo de alfabetização.

¹ Pedagoga e Mestranda em Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria- UFSM.

² Doutora, Professora associada ao Departamento Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM.

Palavras-chave: Estudos Linguísticos; Curso de Pedagogia da UFSM; disciplinas; língua e linguagem.

Title: The linguistic knowledge: a look about the teacher training in the Ufsm Pedagogy Course

Abstract: In this article we perform an initial analysis on the presence of Linguistic Studies in the set of disciplines of the UFSM Pedagogy Course. The theoretical approach traces a brief history of the emergence of Linguistics as a field of knowledge that has as its object the language, its place in the Language Sciences, as well as its institutionalization and disciplinarization. In order to do so, we analyze the syllabus of the subjects dealing with language and language, looking at their programs and bibliographies, trying to understand what contents related to linguistic studies are present in the Course and the purpose of these programs in the formation of a teacher-literate. The results show us that there is a worrying absence of Linguistics and also an imprecision about which language concept guides Pedagogue education, considering that it needs this linguistic knowledge to work with the acquisition of language and language in the literacy process.

Keywords: Linguistic Studies; UFSM Pedagogy Course; subjects; language and language.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma análise sobre a presença da Linguística no rol de disciplinas que compõem o currículo do Curso de Pedagogia da UFSM. Para este estudo consideramos a versão do currículo do ano 2007, ainda vigente. De acordo com o que consta no Plano Pedagógico do Curso seu objetivo é “formar professores/profissionais em nível superior para a docência da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, capacitados para atuar

nas diferentes modalidades de ensino e/ou nas demais áreas nos quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos”³.

A análise que propomos é um exercício inicial para compreender o lugar dos estudos linguísticos na formação de um pedagogo. Sendo assim, selecionamos disciplinas que apresentam no seu programa (denominação, ementa, objetivos, unidades, bibliografia) referências ao conhecimento linguístico sobre língua e linguagem, que são elas: Comunicação em Língua Portuguesa I; Comunicação em Língua Portuguesa II; Oralidade, Leitura e Escrita; Processos da Leitura e Escrita I; Processos da Leitura e Escrita II; Língua Portuguesa e Educação; Língua Portuguesa. Ressaltamos que no procedimento de análise e, para definir melhor o recorte desse Corpus, nos detivemos na descrição dos conteúdos presentes nas unidades programáticas das disciplinas. Também, buscando cotejar a coerência dos conteúdos mencionados, na sua relação com conhecimento linguístico, levamos em conta as bibliografias apresentadas em cada disciplina.

A relevância da presença da Linguística como campo do saber no conjunto dos conhecimentos de um futuro professor-alfabetizador, dado seu papel de introduzir a criança ao mundo da linguagem tanto para o domínio das suas formas como para compreensão do seu funcionamento, parece-nos fundamental. Na tradição escolar este papel historicamente está relacionado a uma atividade do alfabetizador, que tem a responsabilidade de inserir a criança no mundo da sistematização do conhecimento, a começar pela língua que ela já fala, dando-lhe acesso ao processo de aprender a ler e escrever. Portanto, o conhecimento linguístico de um pedagogo é imprescindível, pois, cabe a ele compreender este objeto língua nas suas diferentes concepções, sobretudo porque a língua que a escola ensina é colocada a funcionar por seus falantes já tendo uma gramática, já em funcionamento. A língua identifica quem a fala, pois como afirma Guimarães (2002, p.18) “só há línguas porque há falantes”.

³ Informações adquiridas no seguinte endereço:
<https://portal.ufsm.br/ementario/curso.html?idCurso=1061>

Na fala e, portanto, na língua em funcionamento, o sujeito se posiciona, se apresenta na enunciação e mobiliza essa língua em um tempo e espaço. Ou seja, a língua que falamos já tem uma gramática que serve ao falante. O que se aprende no processo de alfabetização, tal como nos indicam os programas das disciplinas, é bem mais um objetivo de habilitar o futuro profissional alfabetizador para trabalhar com a sistematização de um conhecimento gramatical. Mas a língua não se reduz ao conhecimento formal de uma gramática.

Para tanto, primeiramente, apresentamos a noção da Linguística saussuriana e, em um segundo momento, mostramos teoricamente como essa Linguística se institucionalizou e se disciplinarizou. Por fim, realizamos um exercício analítico buscando identificar e compreender, como há ou não a presença da Linguística no Curso de Pedagogia da UFSM, analisando de modo mais detalhado as disciplinas que tratam das questões sobre língua e linguagem que já mencionamos.

A Linguística de Saussure

Falar em/de Linguística rapidamente nos leva a lembrar de Ferdinand de Saussure. O linguista genebrino viveu até 1913 é considerado o fundador da Linguística. Suas teorias propostas durante seus três cursos sobre Linguística, na Universidade de Genebra, continuam a ser estudadas e pesquisadas até os dias atuais.

Ao pensarmos na importância e relevância dos estudos saussurianos sobre a Linguística buscamos aqui situar como estes estudos desenharam a disciplinarização da Linguística, a partir do modo como estabelece uma representação sobre os conhecimentos da língua e da linguagem. Sendo assim, pensando na forma como a Linguística firmou-se enquanto disciplina, podemos compreender os modos pelos quais uma área de conhecimento se coloca no lugar de uma Ciência, se disciplinariza e se estabelece por meio de sua institucionalização.

Saussure estabeleceu a Linguística como ciência da linguagem e definiu a língua como seu objeto de estudo, considerada em/por si mesma. Dessa forma, o Curso de Linguística Geral, livro publicado com suas anotações e informações adquiridas por dois de seus alunos, é para a Linguística um discurso fundador, pois é a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure que a Linguística se desenvolveu como ciência.

Para Benveniste (1988), Saussure, ao afastar-se de sua época tornou-se dono de sua verdade, transformando a ciência da linguagem, pois segundo o autor o linguista “à medida que adianta sua reflexão, vai à procura de dados elementares que constituem a linguagem, desviando-se pouco a pouco da ciência do seu tempo, em que não vê senão ‘arbitrariedade e incerteza’” (BENVENISTE, 1988, p.36). E completa afirmando que “em Saussure que ela se reconhece e se reúne” (BENVENISTE, 1988, p.49).

No seu CLG observamos a importância que Saussure deu a Linguística como uma ciência autônoma que estuda os fatos da linguagem, para ele “a ciência que se constitui em torno dos fatos da língua passou por três fases sucessivas antes de reconhecer qual é o seu verdadeiro e único objeto” (SAUSSURE, 2012, p. 31). Estas três fases são: a Gramática, que visa formular regras e distinguir entre formas corretas e incorretas; a Filologia, em que a língua não é o objeto único deste campo, e a Gramática Comparada, em que as línguas podiam ser comparadas entre si.

Com isso, Saussure (2012) nos explica que:

Após ter concedido um lugar bastante grande à história, a linguística voltará ao ponto de vista estático da gramática tradicional, mas com um espírito novo e com outros processos, e o método histórico terá contribuído para esse rejuvenescimento; por via indireta, será o método histórico que fará compreender melhor os estados de língua. A gramática antiga via somente o fato sincrônico; a linguística nos revelou uma nova ordem de fenômenos; isso, porém, não basta: é necessário fazer sentir a oposição das duas ordens e daí tirar todas as consequências que comporta (SAUSSURE, 2012, p.124).

O linguista explica que “a linguística propriamente dita, que deu à comparação o lugar que exatamente lhe cabe, nasceu do estudo das línguas românicas e das línguas germânicas” (SAUSSURE, 2012, p.35). Dessa forma, o estudo destas línguas contribuiu para que a Linguística se aproximasse de seu verdadeiro objeto, a língua.

Segundo Martins (2012), para Saussure

[...] a possibilidade de a Linguística ser considerada uma ciência só seria concretizada se ela apresentasse um objeto específico, que possibilitasse uma homogeneidade interna para se pensar a linguagem. Saussure constrói sua ‘tese’ baseado nesse modelo de ciência, vigente até o momento, por meio da distinção língua/fala, estabelecendo que a língua seria a forma que poderia dar cientificidade para a Linguística, por se tratar de um sistema de signos (MARTINS, 2012, p.43).

O corte saussuriano produziu algumas oposições, chamadas de dicotomias, entre elas: língua/fala, significante/significado, sintagma/paradigma imutabilidade/mutabilidade, sincronia/diacronia. Ao mesmo tempo, essas oposições levaram a formulação de divisões no domínio da Linguística como: linguística indo-europeia, da língua, da fala, interna, externa, estática, evolutiva, sincrônica, diacrônica, entre outras.

Martins (2012) explicita que

[...] diferentes nomeações podem ser carregadas com um mesmo sentido ou com sentidos diferentes, o que não modifica o objeto e sim as formas de apresentação (e de representação) desse objeto, a maneira como ele significa, isto é, como é designado. Independentemente de ser nomeada *Linguística Moderna*, independente de apresentar temas/conceitos “originais” ou não, a Linguística apresentada no CLG constitui o ponto de partida de grande parte de teorias linguísticas a partir do século XX (MARTINS, 2012, p.50-51).

Em consonância, Silveira (2007) acentua que os estudos de Saussure explicitam que ele “não é um a mais na linguística: ele é aquele que possibilitou haver linguística tal qual ela é” (SILVEIRA, 2007, p.33).

Saussure (2012) afirma também que todas as formas de expressão humana é o que forma a Linguística. Compreendemos, deste modo, que é tudo o que se refere ao homem, inclusive a língua. É desta forma, então, que a Linguística faz interface com distintas ciências, como biologia, sociologia, antropologia, psicologia, etc.

Desse modo, percebemos que a língua é, sem dúvida, parte da cognição humana, por isso a Linguística estuda as relações entre língua e pensamento, com suas capacidades motoras, visuais e perceptivas, assim como a construção da significação dessas conexões. Mas não só nesta perspectiva, o que nos leva a entender a Linguística como o estudo científico da linguagem humana como um fenômeno natural. A Linguística é, portanto, um campo do saber. Pois, segundo Orlandi (2002) “a questão do saber adquire o sentido de uma prática que deixa resultados na história do homem” (ORLANDI, 2002, p.16).

A institucionalização e disciplinarização da Linguística

No início do século XIX, em um cenário de concepção naturalista e histórica do conhecimento científico se constituiu a Linguística. Também é nesta mesma época que o processo de institucionalização da Linguística teve seu início.

A partir do seu surgimento, a denominação “Linguística” passa a ser introduzida em produções como as gramáticas e os dicionários. Por volta de 1930, surgiram as faculdades de Letras e, então, a Linguística começa a aparecer como disciplina no curso de Filologia. Logo depois passou a nomear uma “disciplina” própria e até mesmo os “cursos”. A partir de 1950, tornou-se nome de um setor específico, e na sequência de cadeira, de departamento e de programas de Pós-Graduação.

Com isso, o século XIX é marcante na institucionalização dos estudos da linguagem e em sua profissionalização. Nessa época, foram criados programas e disciplinas de ensino, assim como uma metodologia de ensinar Linguística. Neste sentido, entende-se que tudo o que faz parte

da língua interessa para a Linguística, pois ela estuda as línguas e a linguagem.

A Linguística está nas Ciências da linguagem, dando-lhe o objeto. Entende-se por institucionalização as formas de legitimar a linguagem e de organizar os conhecimentos sobre ela. Pois, como expõe Saussure (2012), “a matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana” (SAUSSURE, 2012, p.37). Institucionalizar é dar um lugar a Linguística no conjunto dos saberes relativos ao homem, sendo a linguagem seu objeto central.

Para Auroux (1992), a Linguística é uma forma de saber e de prática teórica, que possui objetos determinados; ela é uma forma de estruturação do saber. E, segundo este autor, este saber organiza, escolhe, esquece, imagina ou idealiza seu passado, do mesmo modo que antecipa seu futuro, sonhando-o enquanto o constrói. Deste modo, pode-se dizer que sem memória e sem projeto, simplesmente, não há saber.

Nesse contexto,

O saber linguístico é múltiplo e principia naturalmente na consciência do homem falante. Ele é epilinguístico, não colocado por si na representação antes de ser metalinguístico, isto é, representado, construído e manipulado enquanto tal com a ajuda de uma metalinguagem (AUROUX, 1992, p.16).

O conhecimento epilinguístico é aquele que todo falante tem, tal como a criança que entra na escola para iniciar seu processo de aquisição da escrita e da leitura na língua oficial. Por outro lado, o conhecimento metalinguístico refere-se a nossa apropriação da linguagem para falar sobre a linguagem, como quando aprendemos na escola, por exemplo, a identificar nomenclaturas da classificação das classes gramaticais ou nomear as letras do alfabeto. Tanto o conhecimento na língua como o conhecimento sobre a língua é do que se ocupa o linguista, que trabalha sobre esses dois eixos. Desse modo, “o saber linguístico sustentado pela metalinguagem configura-se dentro de um processo marcado pela cientificidade, processo que vai legitimar-se institucionalmente” (RODRIGUES, 2002, p.14).

Sendo assim, existindo um trabalho de filiações de um saber metalinguístico que prepara o caminho para a acomodação da Linguística, existe, então, outro, o de institucionalização da relação do sujeito com a língua, ao mesmo tempo em que se constituem os lugares de representação como a escola, as universidades, a gramática, os programas, as bibliografias, da relação do sujeito com a ciência, ou seja, com a linguagem.

Segundo Orlandi (2002), esta institucionalização da relação do sujeito com a linguagem, explicitada pela produção de gramáticas, na figura do sujeito autor do saber metalinguístico, produz os agentes que viabilizarão a passagem para o estabelecimento da Linguística. Neste sentido, “falar da Linguística é falar de um saber sobre a língua, científico, institucionalizado e legitimado” (RODRIGUES, 2002, p.13).

Os estudos linguísticos, na maneira como se institucionalizam e refletem sobre o ensino da língua, têm parte fundamental na produção dessa identidade linguística de que aqui se está tratando e que produzem, pela ciência e pela língua, o imaginário da sociedade nacional. Assim, o saber linguístico vai se constituindo como ciência, ao mesmo tempo em que a questão da língua é afetada pela relação do sujeito com o Estado, e esta relação tem sua forma mais visível na formulação específica das políticas linguísticas, ou seja, através da institucionalização da Linguística.

Dessa forma, “a unidade do Estado se materializa em várias instâncias institucionais. Entre essas, a construção da unidade da língua, de um saber sobre ela e os meios de seu ensino” (ORLANDI, 2002, p. 157). Neste sentido, é importante tomar esta constituição do saber linguístico e da língua, como histórica. Essa constituição pode ocorrer em espaços particulares como o da instituição que se configura por textualidades como gramáticas, dicionários, programas, bibliografias, entre outras.

São estas textualidades que fazem parte do funcionamento da instituição, tomada como um espaço que produz unidade e legitimidade juntamente. Além disso, a instituição tem uma forma própria que é a da escrita e do saber, em que o processo de institucionalização atinge o espaço político-social.

Nesse âmbito, podemos compreender que as instituições universitárias são lugares privilegiados dessa divisão política e normativa que institui algo como um saber e que produz uma divisão, pois elas são os espaços onde os saberes são legitimados e regularizados.

Auroux (1992) considera que o saber linguístico tem sua fonte no fato de que a escrita, ao fixar a linguagem, objetiva a alteridade e a coloca diante do sujeito como um problema a resolver. Com isto, entende-se que a escrita tem um papel fundamental na origem das tradições linguísticas, já que é ela que representa o saber linguístico do sujeito.

A questão linguística é como uma questão científica. E isto se apresenta na forma como se institucionalizam as disciplinas responsáveis pelos estudos da língua. Pois, se tratando da Linguística, Saussure (2012) diz que esta é constituída por todas as manifestações da linguagem humana, em que o saber de um sujeito deixa resultado na sua história.

Orlandi (2002) destaca o pensamento de Whitney (1875) sobre a institucionalização, que a trata como um corpo de usos, dizendo que esta lhe permite pensar a língua como uma instituição social. Este autor ainda liga a historicidade ao caráter social da língua-instituição, onde esta instituição é a modalidade que concretiza a relação instituição-sociedade, na medida em que ela é ao mesmo tempo índice de ruptura com qualquer naturalidade e expressão de coerção à qual nada se pode subtrair. “É assim na mesma medida em que as línguas são instituições que, para Whitney, são meios de comunicação arbitrários e convencionais” (ORLANDI, 2002, p.136).

Desse modo, considera-se o século XIX como um momento intelectual e definidor do pensamento sobre a língua e a linguagem, suas instituições e seus sujeitos, assim como a escrita. Além disso, “as grandes transformações dos saberes linguísticos são, antes de tudo, fenômenos culturais que afetam o modo de existência de uma cultura do mesmo modo que dela procedem” (AUROUX, 1992, p.29).

Para tanto, os estudos saussurianos sobre a Linguística levaram-na a constituir-se enquanto disciplina. No ano de 1962 tornou-se disciplina

obrigatória nos cursos de Letras no Brasil, mas apenas na década de 1970 que o Curso de Linguística Geral teve sua primeira publicação em língua portuguesa. Ainda que de modo tardio, é nesta época que a Linguística vai tomando um espaço institucionalizado no Brasil.

Em relação a essa institucionalização Guimarães (2002) afirma que

[...] a década de 1960 trará consigo novos contornos institucionais. Começa com a obrigatoriedade de inclusão da linguística nos currículos de letras e termina com a criação do sistema nacional de pós-graduação e a criação dos primeiros programas de pós-graduação em Linguística do Brasil (GUIMARÃES, 2002, p.42).

A disciplinarização da Linguística proporciona uma visibilidade institucional às ciências da linguagem tornando suas teorias socialmente úteis e importantes. Sendo assim, é inegável a importância de Saussure para os estudos da linguagem, estabelecendo a Linguística como ciência moderna.

Ferreira (2007) aponta que:

A linguística saussuriana é incontornável na medida em que ela provoca continuamente, através mesmo do corte que produziu, as discussões sobre aquilo que está fora e aquilo que está dentro da linguística (FERRERIA, 2007, p.67).

Diante destas considerações, pensamos na noção da disciplina Linguística. Para isso, utilizamos o conceito de “disciplina” que Scherer, Schneiders e Martins (2015) delineiam

Para nós, a noção de disciplina serve para designar um corpo de saber entendido como articulação de um objeto, de um método e de um programa de um lado e, de outro, como o modo de ocupação reconhecível em uma configuração maior. Dizendo de outro modo, falar de disciplina é designar a atividade científica como uma forma particular da divisão do trabalho de leitura no mundo social acadêmico. Porque o sistema disciplinar é um modo de organização funcional da pesquisa contemporânea e está muito ligado ao ensino superior no seu caráter institucional (a descrição das revistas, a fundação e criação das associações acadêmicas e

científicas, as transformações dos departamentos, a criação de laboratórios, de grupos de pesquisa) e também no seu caráter teórico: o aparelho conceitual e metodológico, a natureza das questões colocadas em jogo, as tradições de pesquisa, ou seja, aquilo que constituiria a sua matriz disciplinar. Portanto, a noção de disciplina é tanto intelectual quanto sociológica. Ela vai “testemunhar” em todas as suas definições, limites, fronteiras, um esforço de uniformização, porque ela não é apenas um dado de “matérias de ensino”, já que além das divisões burocráticas ela “tem seu valor” – sua jurisdição epistemológica, uma jurisdição institucional e pedagógica (SCHERER, SCHNEIDERS, MARTINS, 2015, p.77).

Entendemos então, que ocorre uma regulamentação e estruturação de conhecimentos que asseguram o domínio de um pensamento. Ou seja, conforme as autoras, necessitamos estar atentos à determinação ideológica e histórica, que afeta a conjuntura em que se insere uma disciplina, pois “cada época tem suas convenções, valores, visões do mundo, formando um certo universo linguístico-acadêmico, cujos elementos interdependentes mantêm entre si relações associativas e funcionais, em constante processo de mudança” (SCHERER, 2005, p.10).

Segundo Chiss e Puech (1999 apud Martins, 2012), o ponto de vista disciplinar caracteriza-se em relação a um antes e a um depois, ou seja, a uma sincronia e às exigências de transmissibilidade, mas que de forma simultânea a representação disciplinar constitui um conhecimento.

Silva (2005) complementa expondo que “há uma dupla inscrição implicada nesse processo de disciplinarização”, a que se refere à invenção e a que se refere à transmissão, que no entendimento da autora “se produz em um continuum de discursos em que se homogeneiza e estratifica o objeto de conhecimento e constroem-se representações (imaginárias) sobre a língua e sobre os saberes sobre ela produzidos” (SILVA, 2005, p.2).

De acordo com Scherer (2008), “a problemática da disciplinarização como eixo de leitura permite reunir, em um mesmo conjunto, preocupações históricas e didáticas” (SCHERER, 2008, p.134).

Compreendemos, então, que ao pensarmos no disciplinar estamos refletindo sobre o processo de institucionalização de uma disciplina, em que determinado domínio ganha visibilidade possibilitando a disciplinarização de saberes em condições sócio-históricas e ideológicas muito específicas.

Neste sentido, compreendemos que o significado dado a uma disciplina e o que ela constituiu em uma instituição é resultado de “toda sua história de nomeações, renomeações e referências realizadas com suas temporalidades próprias” (GUIMARÃES, 2002, p.42).

As nomeações e designações de uma disciplina, segundo Scherer, Petri e Martins (2013), se dão

A partir desse gesto de interpretação, entendemos que as nomeações e as designações que as teorias assumem enquanto disciplinas são muito importantes para a compreensão do processo de disciplinarização, pois funcionam no interior de um conjunto de elementos, que, por sua vez, contribuem para a produção dos efeitos de sentido sobre a constituição disciplinar (SCHERER, PETRI, MARTINS, 2013, p.27).

Entendemos com isso, que ao estudarmos o processo de disciplinarização devemos levar em conta, de acordo com Scherer (2008), o que uma disciplina significa de fato, como o saber sobre a língua se constitui e como ocorre a produção dos conhecimentos linguísticos, pois são estes aspectos que nos auxiliam a refletir e compreender o sentido de como também se constitui uma disciplina.

Disciplinas sobre língua e linguagem: o que se quer ensinar?

A história das teorias linguísticas aportou diferentes conceitos de língua. As relações estabelecidas entre língua e estrutura, língua e contexto social, língua e interação, língua e sistema, língua e discurso, língua e política, revelam o percurso da própria história das teorias linguísticas.

Ao observarmos as nomeações das unidades programáticas das disciplinas selecionadas do currículo do Curso de Pedagogia da UFSM, verifica-se que estão mencionadas áreas como psicolinguística e sociolinguística, que surgiram como subáreas do conhecimento linguístico, alocadas dentro do campo disciplinar da Linguística. Por outro lado, a Linguística Aplicada é uma área a parte, quer dizer, tem sua especificidade e sua autonomia. Ela surge como tal para dar conta da relação da Língua com o ensino, embora perpassa por temas da Psicolinguística e da Sociolinguística, ela apresenta objetivos diferentes daqueles que identificamos na área da Linguística, embora possamos inserir ambas no que nomeamos Ciências da Linguagem.

Em relação aos estudos da Gramática, ressalta-se que sua finalidade, sobretudo, aparece relacionada aos estudos dos aspectos gramaticais, objetivando descrever a estrutura da materialidade linguística, suas nomenclaturas e normas. Embora tenha sua relevância e sua finalidade, ainda assim os aspectos gramaticais aparecem de modo prioritário e repetido nos programas das diferentes disciplinas sem uma diferenciação do seu enfoque, como por exemplo, qual conceito de língua presente na proposta destes programas?

Linguística está na ordem da Ciência; a Gramática está no lugar da Arte. Na origem clássica da gramática ocidental como instrumento linguístico, primeiro pelos gregos (Dionísio de Trácia) e, posteriormente, pelos romanos (Apolônio), que a tomaram como modelo, as Artes Gramaticais eram uma técnica de descrição das formas, das classes e da ordem da língua, neste caso, de línguas específicas: o grego e o latim. Com isso, quando se estuda “aquisição de estruturas fonético-fonológicas, morfossintaxe, noções fundamentais sobre os aspectos fonológicos morfológicos etc...”, todos esses conteúdos entram na especificidade de se

saber a língua, de modo a dominar bem o código linguístico, reconhecendo a língua por meio de uma metalinguagem que a escola nos apresenta, ao que comumente chamamos de nomenclatura.

A leitura e a escrita são habilidades relacionadas ao que em princípio se estabeleceu como função da gramática: aprender a ler e escrever. No entanto, há diferenças em desenvolver a habilidade da escrita, produção, compreensão/leitura e análise do texto oral ou escrito pelo futuro pedagogo como domínio necessário para habilitá-lo como o futuro profissional responsável pela alfabetização. Os programas dessas disciplinas também não possibilitam estabelecer uma relação entre elas e papel que cumprem na formação do pedagogo alfabetizador. Observa-se que não há referência aos aspectos da estrutura e funcionamento do texto, nas disciplinas relativas ao texto, pois não aparecem de modo evidente na apresentação dos tópicos das subunidades das disciplinas analisadas.

Outro aspecto que se observa é que há entre as unidades uma mistura de enfoques e de conteúdos, com finalidades distintas, em uma mesma disciplina. Essa mistura não possibilita delinear com clareza no que ela contribuiu para a formação de um alfabetizador. Do ponto de vista da formação de um profissional que atua com a língua e a linguagem, faz-se necessário perguntar: Quais conhecimentos sobre língua e linguagem e em que perspectiva teórica elas são abordadas na formação de um futuro alfabetizador? Em que medida os programas analisados apontam muito mais para um alfabetizador gramático que para um alfabetizador linguista?

Todas essas perguntas são suscitadas por este primeiro exercício analítico. No recorte que procedemos sobre o conjunto de disciplinas que conformam nosso corpus de pesquisa, utilizamos o conhecimento de formação em Pedagogia de uma das autoras do trabalho, formada na UFSM. Logo, considerou-se a especificidade das disciplinas conforme as nomeações das mesmas, resultando em seis disciplinas do currículo do curso, ofertadas durante os oito semestres da graduação em Pedagogia-Licenciatura Plena. Para tanto, cabe ressaltar que esta análise foi realizada

O saber linguístico: um olhar sobre a formação docente no curso de pedagogia da UFSM

a partir de recortes destas disciplinas e de um olhar sobre suas bibliografias.

Apresentamos a seguir as unidades que compõem o programa das disciplinas selecionadas, parcialmente ou por completo, com os tópicos relativos ao estudo da língua e da linguagem:

DISCIPLINA 1: Comunicação em Língua Portuguesa:
UNIDADE 1- EXPRESSIVIDADE DA LINGUAGEM
1.1- Qualidade de estilo.
1.2- Defeitos do estilo.
DISCIPLINA 2: Oralidade, Leitura e Escrita
UNIDADE 1- PSICOLINGÜÍSTICA: PRINCÍPIOS BÁSICOS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM
1.1- Aquisição de estruturas fonológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas.
1.2- Implicações no ensino.
UNIDADE 2- SOCIOLINGÜÍSTICA: LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE
2.1- Unidade da língua, diversidade, registros e dialetos.
UNIDADE 3- LINGÜÍSTICA APLICADA À ALFABETIZAÇÃO
3.1- Noções fundamentais sobre os aspectos fonológico, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos da língua.
3.2- Desenvolvimento da escrita e da leitura.
DISCIPLINA 3: Língua Portuguesa e Educação
UNIDADE 1- AS TEORIAS LINGÜÍSTICAS E DE APRENDIZAGEM: DA CONCEPÇÃO MECANICISTA À INTERACIONISTA
1.1- Estudos psicolinguísticos.
1.2- Modelos interacionistas da leitura I e II.
UNIDADE 2- HABILIDADES BÁSICAS DE COMUNICAÇÃO LINGÜÍSTICA:
2.1- Pressupostos de entendimento da comunicação oral (falar – ouvir).
2.2- Compreensão do texto escrito (ler).
2.3- Habilidade de expressão escrita (escrever).
UNIDADE 3- CONTEÚDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS METODOLOGIAS: LEITURA, PRODUÇÃO TEXTUAL E ANÁLISE LINGÜÍSTICA
3.1- Leitura.
3.2- Produção textual.
3.3- Análise linguística.

DISCIPLINA 4: Língua Portuguesa
UNIDADE 3- A PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA
3.1- Estrutura textual.
3.2 - Morfo-sintaxe.
3.3- Fonética-fonologia.

Com estes recortes percebemos que não há nenhum indício da existência dos estudos sobre Linguística no Curso de Pedagogia da UFSM; não há nada que trate a língua enquanto um sistema. O que podemos dizer, é que não existe nada escrito nem pressuposto nas ementas que os estudos linguísticos estão presentes no Curso.

Os tópicos de cada disciplina reforçam o conhecimento da Língua Portuguesa, retomam o aprendizado dos fundamentos gramaticais, a modalidade da linguagem (oralidade e escrita), a produção do texto, abordadas na perspectiva de aprofundar essas habilidades no pedagogo. Por outro lado não há informação que ajude a identificar que conhecimentos linguísticos fundamentam esses tópicos que organizam as unidades em cada disciplina. Isto nos leva a pensar que existe uma contradição entre o objetivo do Curso e a formação que ele mantém. Pois tanto nos recortes, quanto nas bibliografias não identificamos nada sobre os estudos linguísticos, o que nos deparamos foi com o conhecimento de produção textual nos programas e uma bibliografia que trata de conceitos filosóficos e estudos gramaticais. Vale destacar que em outras disciplinas questões sobre a linguagem aparecem relacionadas ao processo de aquisição, em geral, no ponto vista da psicologia e dos estudos da cognição.

Sendo assim, nos perguntamos se o que se quer nestas disciplinas é estudar o funcionamento da linguagem ou ter um domínio de conteúdo da língua, já que nos deparamos com uma aquisição mecanicista do que as gramáticas dizem, o que reforça o domínio da Língua Portuguesa e não dos aspectos relativos ao funcionamento da linguagem, que requer discutir outras dimensões da linguagem e outros enfoques teóricos, para tratar a língua como discurso, a língua como interação social, a língua no uso.

Considerando esta análise inicial, podemos afirmar que há uma ausência da Linguística como um campo do saber que deve dialogar com os demais estudos da Pedagogia no Curso da UFSM. Não estamos com isso dizendo que um Pedagogo deva tornar-se especialista em estudos linguísticos, mas que as disciplinas que se referem ao estudo da língua e linguagem devem ter um espaço para o conhecimento das questões linguísticas.

Sendo assim, “o resultado da análise é uma interpretação” (MAZIÉRE, 2007, p.25), a qual podemos dizer que não há indícios da existência dos estudos linguísticos no universo de disciplinas analisados neste trabalho.

Conclusão

Os estudos de Ferdinand de Saussure e a publicação do Curso de Linguística Geral proporcionaram à Linguística Moderna sua instauração e sistematização dos estudos da linguagem. Daí em diante, a Linguística se funda e se constitui como um campo do saber científico.

Saussure concebe os conceitos base da Linguística definindo a língua como objeto de estudo e caracterizando as oposições existentes nos fatos de linguagem. E foi esse estudo que estabeleceu o embasamento dos conhecimentos linguísticos que foram institucionalizados e que constituíram as disciplinas de Linguística.

Entendemos com isso, que a Linguística enquanto ciência da linguagem tomou seu espaço a partir do século XIX, quando seu processo de institucionalização teve início. E a partir daí, começou a ser encarada como matéria, disciplina, cadeira, pois ela passou a ser compreendida como uma ciência, uma ciência da língua e da linguagem. -se disciplina, a Linguística continuou a considerar sua cientificidade.

Diante disso, com a análise inicial que buscamos mostrar neste trabalho não fica evidente no Curso de Pedagogia da UFSM qual é o papel da Linguística na formação de professores alfabetizadores (o não lugar da

Linguística). O que observamos no nosso gesto de análise é que a entrada das teorias linguísticas na formação do profissional alfabetizador qualificaria sua formação à medida que oferece ao Pedagogo, por exemplo, a possibilidade de discutir o conceito de língua nas suas diferentes perspectivas, contribuindo para que o mesmo, na sua atuação como alfabetizador amplie sua visão de língua e de linguagem, conduzindo de modo mais consistente a inserção das crianças ao mundo da linguagem e, sobretudo, da língua nas suas diferentes significações e relações. Deve-se sim, oferecer aos professores em formação um estudo em que eles saibam trabalhar e ensinar a aquisição da forma e o funcionamento da linguagem, para que o processo seja completo.

Portanto, afirmamos a importância de um pedagogo compreender os estudos linguísticos para apreender que a língua é, antes de tudo, um sistema homogêneo, que se torna heterogêneo no social. E segundo Saussure (2012, p.42) “[...] a faculdade – natural ou não- de articular palavras não exerce senão com a ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem”.

Nesse sentido, ao se inserir socialmente, o sujeito se insere, automaticamente, em um conjunto de regras da língua, pois o sistema de uma língua não é organizado de forma aleatória, ele é estável; ou seja, nesse sistema ele é pré-existente ao sujeito. Com isso, acreditamos que um professor em formação tem a necessidade de conhecer e estudar as ramificações da Linguística para poder colocar em prática estes conhecimentos.

Complementamos com as palavras de Scherer, Petri e Martins (2013)

Nosso entendimento está alicerçado no pressuposto de que refletir sobre a circulação do conhecimento sobre a língua(gem) — considerando que a língua cria a relação, e a linguagem cria a diferença, uma e outra sempre interdependentes—, através de instrumentos que lhe são próprios, é uma forma de se refletir sobre o que é dar às pessoas o acesso ao conhecimento, na sociedade em

geral, e como elas tomam tais instrumentos para si e constituem um saber sobre ela (SCHERER, 2012; SCHERER, PETRI, MARTINS, 2013, p.22).

Frente a isso, pensamos que os professores que ministram as disciplinas analisadas neste trabalho, talvez ao perceberem a falta dos estudos linguísticos, procuram trabalhar com estes de alguma maneira em suas aulas. Porém, o corpus que analisamos não nos permite afirmar que haja na prática uma diferença entre o que apresenta o Plano Pedagógico do Curso e o que professor de fato aborda na sala de aula.

Referências

- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- BENVENISTE, E. "Saussure após meio século". In: *Problemas de Linguística Geral*. Campinas, 1988. p.34-49. Edição original, 1966.
- GUIMARÃES, E. Para uma história dos estudos sobre linguagem. In: *Língua e instrumentos linguísticos/UNICAMP*. Campinas, SP: Ed. Pontes: 2002, p.115-124.
- _____. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. 2ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- FERREIRA, M. C. L. Análise do discurso no Brasil: notas à sua história. In: FERNANDES, C; SANTOS, J. B. C. (orgs.). *Percursos da análise do discurso no Brasil*. p.11-22. São Carlos: Claraluz, 2007.
- MARTINS, T. da S. *Efeitos de sentido na disciplinarização de uma teoria*. 2012. 176p. Tese (Doutorado)- Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS, 2012.
- MAZIÉRE, Francine. *A análise do discurso: história e práticas*; tradução Marcos Marcionilo. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ORLANDI, Eni. P. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. – São Paulo: Cortez, 2002.
- RODRIGUES, S. L. A língua portuguesa no processo de institucionalização da linguística. In: *Institucionalização dos estudos da linguagem: a disciplinarização das ideias linguísticas/ Eni Orlandi, Eduardo Guimarães (Orgs.)*. – Campinas, SP: Pontes, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 28ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHERER, A. E. Linguística no sul: estudos das ideias e organização da memória. In: GUIMARÃES, E.; BRUM DE PAULA, M. (Org.). *Sentido e memória*. Campinas: Pontes, p.9-26, 2005.

_____. Dos domínios e das fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (Orgs.). *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Claraluz, p.131-142, 2008.

SCHERER, A. E.; PETRI, V.; MARTINS, T. S. Na análise de discurso, “a paisagem é realmente acidentada”, ou reflexões acerca de seu processo de disciplinarização no sul do Brasil. In: *Signo y Señal*, nº 24, Facultad de Filosofía y Letras (UBA), p.21-34, diciembre de 2013. Disponível em: <http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/issue/view/6/showToc>. Acesso em: 07 jun. 2016.

SCHERER, A. E.; SCHNEIDERS, C.; MARTINS, T. S. Saussure e os estudos saussurianos no sul: algumas reflexões. In: *Crônicas e Controvérsias-Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos - Nº 35 – jan/jun*. p.73-94, 2015. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao35/edicao35.html>. Acesso em: 7 jun. 2016.

SILVA, M. V. da. *A disciplinarização da Linguística: Ciência de Estado*. Texto apresentado no Congresso ABRALIN, Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.mestradopga.ucb.br/sites/100/118/00000108.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2016.

SILVEIRA, Eliane. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. UFSM - Portal do Ementário. Santa Maria, 2016. Disponível em: <https://portal.ufsm.br/ementario/curso.html?idCurso=1061>. Acesso em: 1 jun. 2016.